

ASPECTOS SOBRE VIDAS SECAS

Mirna Dietrich

VI Nível Curso Letras 1975

"Pela obra do poeta o mundo fica mais belo porque cada poema nos mostra um coração novo a falar, a sofrer e a cantar. Aliás, a arte embeleza a vida..."

O mesmo vale do romancista. Em cada enredo construído pulsa um coração que repete o que o mundo lhe deu ou que o mundo lhe deixou de dar. Todos saberão que o mundo fixado naquelas páginas ficou mais belo, mais rico, quando por ele andou aquele coração..."

Hilário Henrique Dick

I N T R O D U Ç Ã O

O sertanejo em sua sina — a seca — procura sempre encontrar meios, caminhos que o levem a conseguir a sua realização. Necessita afirmar-se ao menos como pessoa humana profissionalmente, devido a insuficiência de empregos, é quase impossível.

A saga é dura. É cruel. Ele luta não só contra elementos, mas principalmente contra o flagelo da seca — característica principal da região onde vive. Esta quando chega, apresenta um sombrio quadro e deixa marcada, não só a terra mas, principalmente, a criatura humana.

O homem sertanejo, castigado e marcado, leva uma vida de quase nômade. Ele e sua família. É uma busca contínua. De Ser e não Ser. Possui, devido as características da região, grande mobilidade e com ela procura vencer dificuldades, mas ao procurar fi-

xar-se em determinado lugar surge, então a necessidade de readaptar-se. Assimilar novos costumes pois não lhe é dada a possibilidade de uma vida grupal coesa, de inter-relações contínuas, capazes de lhe dar segurança.

Chega a um ponto — determinado por forças negativas — que seu espírito de luta, seu sentimento de liberdade e autodeterminação esmorecem sob a dependência dos fenômenos naturais.

Paisagem e homem inter-relacionados. Terra que o prende, apesar do pouco que lhe oferece, como um cordão umbilical. O retirante torna-se um ser passivo. Assiste impassível, sem forças para lutar contra a natureza.

Sente que está sendo consumido. Que está sendo destruído, não só física mas, também, psicológica e socialmente. Sem possibilidade de reação sente-se desintegrar. Perde a autonomia pois vai depender de outros que o escravizarão a troco de um mísero salário. Vai perdendo seu controle, sua vontade. Nele vai residindo, cada vez mais, a descrença, o medo, a ansiedade com o próximo minuto pois não sabe se estará em sua sanidade mental. Com a próxima hora, a qual não sabe se trará o encontro com a morte. Morte sonhada, muitas vezes clamada em seu desespero. Em sua fuga a um destino, no qual ele não encontra as suas razões de ser. Vem a interrogação: Por que meu Deus? Por que esta sina?

A realidade do sertão é chocante para nós, brasileiros do sul, de regiões em que a seca não faz parte do nosso ambiente. Do nosso cotidiano.

Para conhecer o que é sertão é preciso cortar, cruzar, este Brasil imenso no seu interior. Mas não de avião. E sim de automóvel ou de ônibus. Palmilhando estradas de chão batido, encontrando cidades que nunca passaram de simples vilarejos. Viajando pelo Brasil teremos vivência de um sertão calcinado, gretado, recresado. Uma natureza moribunda contrastando com a natureza viva, fértil, com gamas de verde de outras regiões brasileiras, melhor agraciadas.

"O Norte forma como que uma civilização e cultura diferentes das do Sul, a própria história da nossa formação o diz, e por isso a sua literatura que freqüentemente nasce da terra, do meio, teria evidentemente de ter um caráter próprio".¹

1. ALVES Filho, F. M. Rodrigues. *O Sociologismo e a Imaginação no Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938. p. 21.

RELAÇÃO E INFLUÊNCIA DO MEIO EM VIDAS SECAS

O meio ambiente influencia as reações e relações humanas. Dele surgirão os conflitos pois o homem tem necessidade de realização, de comunicação, de relacionamento humano. Uma luta árdua, interminável, sem as mínimas condições e oportunidades em seu meio ambiente causa frustrações. Causa um conflito interior de sentimentos — derrota.

Para compreender melhor as ações humanas dos indivíduos em seus aspectos psicológicos e sociais, necessário é situá-los no seu meio, de onde dependerá todo um comportamento social.

O homem que cultiva, que vive numa terra pródiga, será completamente diferente do tipo humano que vive numa luta constante contra a natureza.

"Da influência do meio, surgiu o romance do Norte. Veio da terra".²

Hilário Henrique Dick, em seu livro "Cosmovisão do Romance Nordestino Moderno", nos diz: "Além, portanto, da verdade de que todo meio influi no escritor, não podendo ele ser um solitário entregue à solitária contemplação de si mesmo, encontramos no Nordeste uma doutrina que leva os autores a escrever não só por sentimento mas pela convicção de que as coisas do Nordeste merecem entrar no perene. Cada romance, por sua própria natureza, é um documento com uma cosmovisão. O romance, dessa forma, pode ser um documento do romancista, apresentando o que sucede fora dele. Sua concepção da vida e do mundo".³

"O romance nordestino moderno tem o mérito de ter começado a mostrar ao mundo um aspecto que era só do Nordeste. Uma visão tão cruel, tão real que todos julgam necessário expor. O nordestino surge diante de nós como quem possui algo que dizer, como quem sente obrigação de falar. E sentimos urgência em ouvi-lo".⁴

Em "Vidas Secas", Graciliano Ramos nos traz à mente a realidade dura, quase cruel, experimentada na sociedade nordestina. Esta realidade nos mostra através de capítulos fotográficos, onde as personagens são rudes, ásperas, como que uma obra envelhecida e carcomida pelo tempo.

2. Idem. p. 31

3. DICK, Hilário Henrique. *A Cosmovisão do Romance Nordestino Moderno*. Porto Alegre, Sulina, 1970. p. 18

4. Idem, p. 11.

A seqüência cronológica dos acontecimentos em "Vidas Secas" começa com o término de uma seca e finda com o início de outra. É uma roda amarela no tempo, com seus aros entrelaçados — como uma gigantesca teia tecida — a girar em torno do homem. Homem pigmeu em sua luta contra a natureza, cujas armas necessárias são o temor a Deus, à vida. Estas armas, unidas à perseverança, são poderosas em sua pugna contra os obstáculos encontrados no sertão.

Apesar de tudo o sertanejo ama a sua terra. Ele mesmo diz: as terras aqui até são boas, o que não presta é o céu.

O astro-rai queima a terra. "A palmeira secou, a figueira e a romeira também; as árvores do campo secaram; já não há mais alegria entre os filhos de Deus."⁵ No dia-a-dia da vida de um Fabiano e de sua família esta tristeza é uma constante.

O sol — fonte geradora de calor — para muitos países, depois de invernos gélidos, traz a alegria. Para o nordestino traz o medo. Pavor que o céu azul e a seca perdurem mais tempo ainda, consumindo a água — fonte de vida — sua fortuna maior. Água encontrada em cacimbas, escondida no leito seco dos rios.

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala." Vidas Secas — p. 9

A paisagem mostra a fuga dos retirantes de "Vidas Secas" em busca de zonas com melhores condições de sobrevivência e de maior tranqüilidade. A procura de um sítio que amainasse as rudezas do clima. O sol uma constante. O calor, a sequeidão, o cansaço da longa caminhada e a fome são obstáculos pertinazes que rodeiam a família. Gargantas secas. Suor brotando dos corpos cansados. Em volta a natureza morta, ornamentada pela galhardia seca da catinga.

"A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos." V. S. — p. 10

5. A Bíblia Sagrada. "Velho Testamento — Profeta Joel". [s. ed.] Rio de Janeiro, Sociedades Bíblicas Unidas [s. d.] p. 814, versículo 12.

O sertão é assim mesmo. A ave de rapina tem seu habitat natural nesta natureza dura, crestada, cruel. Sempre à espreita. Em tocaia, esperando que a morte consiga vencer o indômito lutador.

"A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano (...) Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto urubu. (...) Ergueu-se, assustado, como se os bichos tivessem descido do céu azul e andassem ali perto, num voo baixo, fazendo curvas cada vez menores em torno do seu corpo, de Sinha Vitória e dos meninos." V. S. — p. 132-3

Melhor compreende Graciliano Ramos quem cruzou o sertão. Quem viu e sentiu in loco o silêncio desses lugares ermos. Solidão a perder de vista. Parcorre-se quilômetros sem encontrar viva alma. Somente catinga, perdas, caprinos... Terra seca de onda o homem continua a fugir. A solidão exterior é pesada, opressora. Penetrando no espírito de quem a vive. Ela sugere ao homem um desafio contínuo. Desafio de "destruição e morte."⁶

Em "Vidas Secas", p. 126, Sinha Vitória exterioriza sua solidão interior confundindo-se com a exterior ao tentar conversar com o marido por monossílabos pois "achava-se desamparada e miúda na solidão, necessitava um apoio, alguém que lhe desse coragem. Indispensável ouvir qualquer som. A manhã, sem pássaros, sem folhas e sem vento, progredia num silêncio de morte."

"Além de ser o mais humano e comovente dos livros de ficção do Sr. Graciliano Ramos, Vidas Secas é o que contém maior sentimento da terra nordestina, daquela parte que é áspera, dura e cruel, sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente. O que impulsiona os seres desta novela, o que lhes marca a fisionomia e os caracteres, é o fenômeno da seca."⁷

Gustavo Barroso, in: — DICK, Henrique. "A Cosmóvisão do Romance Nordestino Moderno" p. 27, nos afirma:

"Todo o sertão é duma grande tristeza na cor, no silêncio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro a outro

6. COELHO, Nelly Novaes. "Solidão e Luta em Graciliano Ramos" In: — O Ensino da Literatura. São Paulo, Editora F.T.D., 1966. p. 283
7. LINS, Álvaro. "Valores e Misérias das Vidas Secas." In: — Os Mortos de Sobrecasaco. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963. p. 167

lembra um gemer de moribundo; o estalar crepitante dos gravetos pisados por qualquer animal parece um soturno falar de avantesmas; um canto de pássaro, um alto pio d'ave de rapina, um guincho de pixuna, tudo é triste, tudo é melancólico. Qualquer som que quebra o silêncio parece mais triste que o próprio silêncio".

"O problema da paisagem externa não deixa de ser fascinante porque há romancistas que deixam que ela fique fora deles, mas outros a transplantam, com seus mistérios, para dentro de si mesmos. Isso os enriquece, lhes dá mais recursos e os coloca na posição mais genuína que lhes importa."8

Graciliano Ramos utiliza a cor local, uma paisagem de vegetação cinzenta, triste, para dar a conotação da solidão interior do homem em sua busca pela afirmação do Eu. Nesta paisagem solitária ele está só, isolado, ilhado em sua luta contra os obstáculos ecológicos encontrados.

"A paisagem externa está intimamente relacionada com a paisagem interna." 9 A vida do sertão é sóbria, agreste, dura, cerrada como sua vegetação — mandacaru, xiquexique, candeia, favela — em relação à vida em outras regiões mais ricas.

"Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente.

Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anfiada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores." V.S. — p. 14

O homem chora. Chora lágrimas secas à luz do sol. Sol amarelado, áspero, inclemente. Terra árida, calcinada, empedrada. Chora sua angústia. Chora em tensão mental ao ver seus esforços serem consumidos, destruídos, pouco a pouco, sob o flagelo das secas. Sabe que para a sua sobrevivência e a de sua família terá que ven-

8. DICK, op. cit., p. 31

9. DICK, op. cit., p. 32

10. FARIA, Oswaldo Lamartine. "Cassacos". In: — **Tipos e Aspectos do Brasil**. 8. ed. Rio de Janeiro, IBGE, 1966. p. 104, nos diz: "De rede-nas-costas é o trabalhador nômade que anda nas estradas à procura de serviço. Quando em viagem o sertanejo conduz sua muda de roupa enrolada na rede, a tiracolo; daí a designação."

der, para gananciosos oportunistas, sua terrinha a troca de passagem de pau-de-arara. Sair de "rede-nas-costas". 10 Submeter-se a muita coisa. Frentes de trabalho, trabalhar para um engenho de açúcar ou usina recebendo, conforme a consciência do proprietário, um pequeno salário, alimentação e uma casa para morar.

"A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. (...) seria dono daquele mundo." V.S. p. 15-17

"O fazendeiro dos sertões vive no litoral longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdavam velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas de suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são-lhes servos submissos. (...) entregam-se, abnegados, à servidão que não avaliam."11

"O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro." V.S. p. 24

"Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatos de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse." V.S. p. 25

Do trabalho da fazenda recebe em troca, como salário, a "quarta" ou a "quinta", ou melhor de cada quatro ou cinco bezerros nascidos, recebe um.

Em "Vidas Secas", p. 103, Fabiano nos dá uma idéia de como é sacrificada esta vida de vaqueiro a soldo de pessoas egoístas, ao dizer: "Se lhe dessem o que era dele estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos?"

O proprietário é quem dita tudo: ordens, salários, preços que ele paga pela produção da safra ao trabalhador que está a seu serviço. Fica sempre com a parte de leão. E o vaqueiro que desconhece os preços do mercado, fica à mercê do dono da terra.

É uma vida sem nada. Salário de fome. Dependendo sempre dos outros. Humilhando-se, muitas vezes, para não perder a pe-

11. CUNHA, Euclides. "Servidão inconsciente." In: — **Os Sertões**. 25. ed. Rio de Janeiro, Ed. Paulo de Azevedo, 1957, p. 108

quena oportunidade. Oportunidade de sobrevivência. Resignado com tudo. Com a sorte. Encarando tudo com fatalismo pois "se agarra ao seu isolamento como a um destino fatal."12 "Será o que Deus quiser. O que tem de ser tem muita força." "Quem faz neste mundo paga é aqui mesmo. Quando Deus tarda, vem em caminho."13

Hilário Henrique Dick nos diz: "A idéia do fatalismo parece ser uma idéia fixa de todo nordestino. Que outro pensamento que volte tanto e tão insistentemente? Vendo as coisas acontecerem irremediavelmente, sua única atitude é a do fatalista. Não há oposição ao sol que queima tudo. Não há força que impeça a seca de tornar-se sempre mais terrível. Tudo deve ser.14 (...) Não adianta dizermos que a fatalidade não existe. Para o nordestino ela está presente e o castiga."15

"A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à-toa, como judeu errante." V.S. p. 20

"Olhou a catinga amarela, que o poente avermelha. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim (...) — anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas — ela se avizinhandando a galope, com vontade de matá-lo." V.S. p. 25

O caboclo nordestino é místico. Este misticismo é um ponto interessante de observar-se.

A visão mística do sertanejo está ligada com a adversidade encontrada na natureza — fatores climáticos e geológicos. Este misticismo resulta de sua vida no dia-a-dia. Sua essência vital é a de um homem sofrido. Este sofrimento o faz transferir para seu Criador a responsabilidade de seu destino. Põe-se em suas mãos para que o guie para o bem e o livre do mal. Uma força interior muito grande está por trás de tudo isto. Uma crença muito forte, profunda, em algo que virá beneficiá-lo. Tem respeito e devoção a Deus. "Deus sempre ajuda e acaba mandando chuva."16 Para o sertanejo Deus está presente em tudo o que lhe acontece. Na saúde e na doença. Na alegria e na tristeza. No sol, com a seca, e na chuva dadivosa, Deus é vontade.

12. COELHO, op. cit., p. 279

13. RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 15. ed. São Paulo, Martins, 1975. p. 194 — 207

14-15. DICK, op. cit., p. 45-51

16. Dito popular nordestino.

"Felizmente a novilha estava curada com reza. Se moresse, não seria por culpa dele." V.S. p. 22

"Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer." V.S. 25

"Suspirava atijando o fogo com o cabo da quenga de coco. Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça. (...) Deus protegeria a família." V.S. p. 69

"Chegaram à igreja, entraram. Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas." V.S. p. 79

"A vida na fazenda se tornara difícil. Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam (...) No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre". V.S. p. 123

A superstição, muitas vezes, confunde-se com a religião. Estas intimamente ligadas. Todas as pessoas possuem suas crenças ou suas superstições. Nas pessoas cultas, muitas vezes, a curiosidade e o desejo de saber o que lhes reserva o destino num futuro remoto, ficam ocultos. Mas o caboclo, alma ingênua e simples, sente, presente o que está para ocorrer. Este pressentimento de que algo está para acontecer é inato em qualquer um. Não importa sua condição social, cultural. Isto ocorre em qualquer região, tanto no Norte como no Sul. Nos pampas ou na catinga. Sinha Vitória, com sua falta de cultura e sua rudeza de costumes, sentiu a desgraça que se aproximava.

A fé entra como elemento místico próprio de cada Eu. É inquebrantável. É na essência de cada um que ela se manifesta.

Em "Vidas Secas" ela se manifesta em tudo. Nos caprichos, na força de vontade, nos desejos e até nas superstições. Os outros acreditavam que qualquer coisa estava por vir fazendo-os mudar até mesmo o seu rumo.

O autor nos revela esta realidade numa linguagem simples, quase telegráfica "através de uma extraordinária economia de termos: o vocábulo exato, a frase seca, curta, direta, revelando apenas o essencial. Esse estilo seco e contido é realmente um dos grandes fatores na força emotiva que emana do livro e na caracterização da criatura sub-humana, do homem telúrico aí retratado."17

Graciliano Ramos nos mostra toda esta gente. Gente que sofre, mas com uma força interior e uma fé muito fortes. Capazes de movê-los e até contentá-los com o pouco que a vida lhes oferece.

Utiliza, também, muitas imagens visuais e pictóricas dando a cor local. Faz analogias do homem e o meio, mesclando-o com o ambiente em que vive. Dá em suas personagens, como recurso pictórico, pinceladas com as cores marcantes do amarelo, vermelho, azul. Tudo é parte de suas vidas. Fisionomias e natureza sulcada implicam espíritos marcados.

"Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava." p. 29

"Sinha Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens..." p. 75

"Uma labareda tremeu, elevou-se, tingiu-lhe o rosto queimado, a barba e o cabelo ruivo, os olhos azuis." p. 16

Para dar maior ênfase ao que pretende mostrar, Graciliano Ramos faz, de uma forma muito interessante, esta analogia do homem e do meio que o cerca. Fabiano era ruivo como que lembrando queimada, sol castigante; grande e forte como era toda a natureza que os rodeava.

"VIDAS SECAS aponta os seus personagens como uma argila in natura, da qual se poderão formar homens novos. Suas figuras são seres primitivos que abrem os olhos para a existência tal como é dada, são representantes míticos da humanidade primeva existente no mundo de agora."¹⁸

Eram gente porque pensavam. Sentiam e tinham desejos, por mais ínfimos que fossem, como qualquer ser humano. Fabiano queria viver e lutava por sua vida e a de seus familiares. Tinha sempre a esperança que a sorte mudaria. Sentia-se preso, com instinto nato, à terra, à gente, que em troca do amparo que necessitava só lhe dava desprazeres, falsidades.

"Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas." p. 21

"Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros

12,

18. PUCCINELLI, Lamberto. "Vidas Secas: visão nordestina do inferno ou do paraíso?" In: —. **Graciliano Ramos: relações entre ficção e realidade**. São Paulo, Quíron MEC, 1975 p. 132

mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa." p. 80-1

Via que a vida na cidade era tudo ilusão. Utopia de tempos melhores. Estava marginalizado. Encontrava a aspereza da seca na aridez da criatura humana, na rejeição das relações sociais. Sentia-se através da exploração que lhe faziam. A seqüidão do homem era pior que a da natureza, era muito mais cruel.

O homem da cidade era "cabra malvado". Pedia que Deus o defendesse, que o fizesse morrer no seu pedaço de terra, pois não lhe dispensavam o menor valor como ser humano. A própria autoridade local, na pessoa do "soldado amarelo", abusava do seu poder para tirar proveito do homem ignorante.

Total indiferença, característica própria dos habitantes da cidade, para com o matuto que vem em busca do seu lugar ao sol.

Fabiano os respeitava porque tinham mais cultura do que ele e atribuía todo o seu infortúnio ao destino. Estava consciente que, não sendo culto, nada poderia ser além do que era. Em sua humildade, em relação aos outros que "tiravam-lhe o couro", mostrava que aceitava tudo como prova de inferioridade cultural. Aceitava-se como era. Como todo homem comum tinha as suas fraquezas e sofria psicologicamente com o meio ambiente.

"O meio natural condiciona, como já vimos o desenvolvimento da inteligência como pode influir no crescimento físico, no bom funcionamento da vida. É o terreno favorável ou desfavorável à existência humana, propício ou não ao progresso mental como à evolução biológica. São as condições climatológicas, topográficas, vantajosas ou prejudiciais ao completo florescimento da vida humana e, portanto, às faculdades superiores do homem."¹⁹

As outras personagens tinham, também, comportamentos normais ao meio em que viviam.

Sob o aspecto psicológico, as crianças eram normais. O menino menor via no pai o herói de identificação. Modelo perfeito. Procurava imitá-lo em tudo. O menino maior desejava conhecer um mundo novo, diferente do seu. Queria conhecer mais. Fazia perguntas. Perguntas as quais seus pais, por desconhecimento, por ignorância, respondiam por interjeições guturais ou não davam resposta.

19. LEÃO, Carneiro A. "Fatores Genéticos e Meio Cultural." In: —. **Fundamentos de Sociologia**. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1956. p. III

dividual. Esta seqüidão que a terra transmite à sua moral, a seus traços físicos, levam-no a uma luta interminável com o meio e a um conflito interior de sentimentos. Influencia as reações e relações humanas, deixando o homem quase num mesmo plano com os bichos, com as plantas que o cercam.

— Não é fácil sobreviver tendo sobre si uma ameaça constante — o sol. Vendo e sentindo o espantinho da seca.

O homem de "Vidas Secas" não é apenas o Nordestino é todo homem que luta por libertar-se das escravidões da tecnologia, das incompreensões que o esmagam na existência do dia-a-dia. Dessa maneira de compreender "Vidas Secas" universalizamos a epopéia de Graciliano, transferimos as dimensões limitadas de um pedaço do Brasil, para o homem do Universo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ALVES FILHO, F. M. Rodrigues. *O Sociologismo e a Imaginação no Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.
- 2 — COELHO, Nelly Novaes. *O Ensino da Literatura*. São Paulo, Editora F.T.D., 1966.
- 3 — CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. 25. ed. Rio de Janeiro, Ed. Paulo de Azevedo, 1957.
- 4 — DICK, Hilário Henrique. *A Cosmovisão do Romance Nordestino Moderno*. Porto Alegre, Sulina, 1970.
- 5 — FREIRE, Gilberto. *Nordeste — Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. [s. ed.] Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.
- 6 — LEÃO, A. Carneiro. *Fundamentos de Sociologia*. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1956.
- 7 — LINS, Álvaro. *Os Mortos de Sobrecasaca*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.
- 8 — PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos: relações entre ficção e realidade*. São Paulo, Quiron/MEC, 1975.
- 9 — RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 15. ed. São Paulo, Martins, 1975.
- 10 — RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 35. ed. São Paulo, Martins, 1976.
- 11 — *Tipos e Aspectos do Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro, IBGE, 1966.

Revista:

REALIDADE. Nordeste. São Paulo, Abril Cultural, 1972 [Suplemento especial] Ano 7, n. 80, nov.

